

CFESS Manifesta

Dia Mundial do/a Trabalhador/a

Brasília (DF), 1º de maio de 2020

Gestão É de batalhas que se vive a vida!



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

nosso
luto,



nostra
luta!

Dedicamos essa edição do CFESS Manifesta às assistentes sociais

*Francisca Romana Souza Chaves (TO),
Quezia Leite Batista (PB),
Denise Rocha (RJ) e
Raimunda Espíndola (AP)*

*e a todos/as os/as trabalhadores/as brasileiros/as mortos/as
pelo novo coronavírus e pelo descaso do Estado Brasileiro!*

No dia 28 de abril, o presidente da República brasileira se superou e deixou ainda mais explícita sua incapacidade de governar o país, testada, com especial intensidade, durante a pandemia do novo coronavírus. O país ultrapassou a China no número de mortes, atingindo a marca de mais de 5 mil pessoas. Diante disso, o presidente, que vem se notabilizando por sucessivos episódios de descaso para com a grave situação registrada, declarou, no mesmo dia, um lacônico “E daí? Sou Messias, mas não faço milagre”.

Nesse dia 1º de maio o CFESS, como órgão representativo da profissão de Serviço Social, que faz parte das 14 profissões da área de saúde, vem a público manifestar indignação e repúdio às declarações do presidente. Estas representam a banalização da ausência de condições de vida, que torna essa pandemia um verdadeiro genocídio de trabalhadores/as no país!

Desde os primeiros casos do novo coronavírus (Covid-19) noticiados no Brasil, vários/as analistas expressaram preocupação não somente com a sobrecarga de demandas ao sistema de saúde, que acabou sendo uma tônica de todos os países que enfrentaram curvas de contaminação crescentes antes de nós. Manifestaram preocupação com um fator adicional que o Brasil apresenta, em volume muito maior que outros países: os índices de desigualdade social e como eles potencializariam a contaminação. No país que apresenta a segunda maior concentração de renda do mundo, não havia dúvida de que a desigualdade social se converteria em protagonista de cenas cruéis dessa tragédia anunciada que atinge o sistema de saúde, o sistema de assistência social, o sistema funerário e, principalmente, os nossos lares.

Temos visto, dia após dia, que já não morrem pessoas que contrairam o vírus em viagens ao exterior e possuem maiores condições imunológicas e econômicas de recorrer



Trabalhadores/as brasileiros/as não estão à espera de um milagre! 1º de maio: luto (do verbo lutar) pela vida!

▶ a leitos no setor privado. Desde março, avança a contaminação comunitária, estimulada por uma disputa de narrativas. De um lado, o presidente, preocupado com a economia e as eleições de 2022 e, de outro, as recomendações da OMS e das autoridades sanitárias, que indicam o isolamento social como a única possibilidade de achatamento da curva de contaminação.

Em meio a essa disputa de narrativas, morrem trabalhadores/as, que se amontoam diariamente nos transportes coletivos pela necessidade de trabalhar em setores que já tiveram autorização dos estados para funcionar. Morrem trabalhadoras/es domésticas/os. Morrem desempregados/as e trabalhadores/as informais que se contaminam nas gigantescas filas dos bancos, em busca do “auxílio emergencial”. Morrem pessoas em situação de rua, que sequer possuem a chance de tentar receber o auxílio emergencial, porque são “excluídos/as digitais” e não conseguem acessar o aplicativo criado para tal. Morrem idosos/as que já tinham doenças respiratórias e cardíacas e não conseguem atendimento prioritário diante do colapso de leitos nas unidades de um SUS que já vem sendo progressivamente desfinanciado há décadas, e teve esse desfinanciamento potencializado pela Emenda Constitucional nº 95/2016.

Em todas essas situações, e em outras tantas, o perfil das pessoas mortas é predominantemente de trabalhadores/as, entre os/as quais precisamos registrar também a presença de assistentes sociais como parte das equipes que estão realizando atendimentos à população infectada, muitas vezes sem as condições de trabalho adequadas e fornecimento de Equipamentos de Pro-

teção Individual (EPIs) apropriados ao exercício profissional. É preciso dizer ainda da gravidade envolvida na subnotificação resultante da impossibilidade de testagem em massa, indicando que 6 mil mortes certamente não refletem a realidade da contaminação pelo Covid-19 no Brasil.

As deploráveis declarações do chefe do Poder Executivo, somadas à resistência para ofertar amplamente medidas protetivas que possibilitem manter trabalhadores/as em casa, só espantam a quem não tinha entendido ainda o caráter neofascista e racista que caracteriza a atual configuração do Estado brasileiro. “Pretos/as e pobres que morram!”

Parece lógico: sempre fomos nós que morremos pela violência expressa de diversas formas, inclusive, pela negação de direitos e precariedade das condições de vida! Mas não! Isso não é lógico! Os painéis quase diários e pesquisas recentes de popularidade, quanto às respostas dadas à pandemia no Brasil (abril de 2020), parecem indicar que não estamos dispostos/as a naturalizar a morte de milhares de pessoas. Esses movimentos demonstram o crescente índice de reprovação do governo federal em todas as faixas de renda no contexto de enfrentamento à pandemia, com especial intensidade entre as pessoas que recebem até 2 salários mínimos.

Então, Sr. presidente, saiba que os/as trabalhadores/as brasileiros/as não esperam milagres do Executivo nacional. No contexto do enfrentamento à pandemia, e depois dele, esperamos regulação universal dos leitos, que inclua os existentes na rede privada, muitos deles historicamente subsidiados pelo SUS. Saúde não é

mercadoria!!! Esperamos que sejam ofertados EPIs, insumos para atendimento e contratação de profissionais em número suficiente para atender à grande procura pelas unidades de saúde. Esperamos condições de trabalho adequadas; salários pagos sem cortes; manutenção dos empregos; saúde pública para todos/as; a revogação da contrarreforma da previdência social, da Emenda Constitucional 95 e o fortalecimento da seguridade social para os mais de 12 milhões de desempregados/as e subempregados/as no país. Mas esperar não basta e já dizia a canção: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”!

Nesse dia 1º de maio, ainda que nossa indignação e repúdio precisem se expressar em condições de isolamento social, o recado será dado com a força que o momento requer. O Conjunto CFESS-CRESS estará onde sempre esteve: defendendo a saúde pública e a vida!

Neste dia, queremos saudar todos/as os/as assistentes sociais, como trabalhadores/as que têm prestado serviços essenciais e devem ser valorizados pelo seu posicionamento e compromisso em favor das legítimas demandas da população!

Também queremos nos solidarizar com as famílias de cada assistente social e demais trabalhadores/as da saúde que perderam suas vidas em decorrência do seu compromisso com a sociedade nesse contexto da pandemia.

Não vamos abrir mão de lutar por nossas vidas! Que o LUTO pelas mais de 6 mil vidas ceifadas pelo Covid-19 nesse país se transforme em LUTA! É nisso que aposta o Conjunto CFESS-CRESS nesse grave momento de aprofundamento da crise social e política do nosso país!

Gestão É de Batalhas que se vive a vida! (2017-2020)

Presidente Josiane Soares Santos (SE)
Vice-presidente Daniela Neves (RN)
1ª Secretária Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz (SP)
2ª Secretária Daniela Möller (PR)
1ª Tesoureira Cheila Queiroz (BA)
2ª Tesoureira Elaine Pelaez (RJ)

Conselho Fiscal
 Nazarela Silva do Rêgo Guimarães (BA), Francieli Piva Borsato (MS) e Mariana Furtado Arantes (MG)

Suplentes
 Solange da Silva Moreira (RJ)
 Daniela Ribeiro Castilho (PA)
 Régia Prado (CE)
 Magali Régis Franz (SC)
 Lylia Rojas (AL)
 Mauricleia Santos (SP)
 Joseane Couri (DF)- Licenciada
 Neimy Batista da Silva (GO)
 Jane Nagaoka (AM)

CFESS MANIFESTA
Dia Mundial do/a Trabalhador/a
Conteúdo (aprovado pela diretoria):
 Josiane Soares
Organização: Comissão de Comunicação
Revisão: Diogo Adjuto
Arte: Rafael Werkema